

NADA SEPARA A HUMANIDADE DO AMOR DE CRISTO

Agosto é um mês que se apresenta como uma espécie de itinerário de densidade teológica e antropológica, convidando à superação da inércia diante das crises contemporâneas, cada vez mais intensas e, de certo modo, assustadoras. É nessa perspectiva que podemos nos amparar na liturgia deste período, que não se limita ao rito, mas propõe uma análise crítica sobre a responsabilidade humana e a transcendência.

Exemplo disso é logo o início do mês, quando vemos a narrativa da multiplicação dos pães (cf. Mt 14,13-21), que desloca o eixo da expectativa passiva para a ação concreta. Ao ordenar “dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16), o ensinamento cristão estabelece que a solução para as mazelas sociais, como a fome e a desigualdade, não deve ser delegada exclusivamente a esferas burocráticas ou a poderes públicos, mas assumida como imperativo ético de cada indivíduo e comunidade.

Essa postura ativa exige, contudo, um discernimento que só o silêncio e a escuta permitem. Na experiência do profeta Elias, por exemplo, Deus não se manifesta no estrondo, mas no murmúrio de uma brisa ligeira (cf. 1Rs 19,12). Em um mundo saturado por ruídos (incluindo os digitais) e polarizações, a busca por esse silêncio torna-se um ato de resistência espiritual. É nesse ambiente de interioridade que se processa a transformação da mente, evitando o conformismo com as lógicas de exclusão deste mundo (cf. Rm 12,2). A transfiguração do Senhor (cf. Mt 17,1-9) reforça essa necessidade de elevar o olhar para compreender a realidade sob uma nova luz, ouvindo a voz que orienta o caminho (cf. Mt 17,5) e re-

cebendo o encorajamento para enfrentar as tempestades da história sem o paralisante temor (cf. Mt 17,7).

A figura de Maria, celebrada na Solenidade da Assunção (cf. Ap 12,1) e como rainha (cf. Lc 1,46-55), oferece a síntese dessa esperança. A assunção não é apenas um dogma de fé, mas a afirmação da dignidade do corpo humano como templo do Espírito, destinado à eternidade. Essa perspectiva eleva a importância do cuidado com a vida em todas as suas etapas. A persistência da mulher cananeia (cf. Mt 15,21-28) e a resiliência de Santa Mônica na oração pela conversão de Santo Agostinho exemplificam que a fé não é alienação, mas uma força histórica capaz de alterar destinos. O exemplo de São Maximiliano Kolbe, ao oferecer a vida por outrem, e o martírio de São João Batista (cf. Jo 12,24), ao denunciar o erro com a verdade, recordam que a integridade moral muitas vezes exige o sacrifício pessoal em favor do bem comum.

Ao fim desse ciclo, a profissão de fé de Pedro (cf. Mt 16,16) e a exortação à renúncia de si mesmo (cf. Mt 16,24) consolidam o compromisso cristão. A correção fraterna, exercida com caridade e a sós (cf. Mt 18,15), e o perdão sem limites (cf. Mt 18,22) são as ferramentas para a manutenção da unidade social e eclesial. É preciso reconhecer que a justiça do Reino subverte a lógica meritocrática humana, como ensina a parábola dos operários da vinha (cf. Mt 20,1-16). O mês de agosto culmina, portanto, com o chamado à vigilância das dez virgens (cf. Mt 25,1-13), instando a sociedade a manter acesa a chama das boas obras e do amor ao próximo (cf. Mt 22,37-39), pois nada poderá separar a humanidade do amor de Cristo (cf. Rm 8,35). ●



Ave Maria

128 anos

Notas Marianas

SINAL DA CRUZ

Fazemos o sinal da cruz para lembrar que fomos salvos pela cruz de Cristo (cf. 1Jo 3,5; 4,10) e batizados em nome do Deus Trino: Pai, Filho e Espírito Santo (cf. Mt 28,19). É uma prática muito antiga da Igreja, pois já no século II Tertuliano recomendava: “Quando nos pomos a caminhar, quando saímos e entramos, quando nos vestimos, quando nos lavamos, quando iniciamos as refeições, quando vamos nos deitar, quando nos sentamos, nessas ocasiões e em todas as nossas demais atividades, persignamo-nos a testa com o sinal da cruz” (160-220 d.C.).